

O MENSAGEIRO NO CONTEXTO DA BÍBLIA HEBRAICA
THE MESSENGER IN THE HEBREW BIBLE CONTEXT
EL MENSAJERO EN EL CONTEXTO DE LA BIBLIA HEBREA

Irrael Baboni Cordeiro de Melo Junior*

RESUMO

O objetivo deste ensaio é analisar os mensageiros humanos (*mal'akh*) – os responsáveis pela comunicação e diplomacia - no contexto literário bíblico, procurando identificar suas funções, características e peculiaridades, fazendo também uso da comparação com registros de seus correspondentes nas culturas circundantes do antigo Israel.

Palavras-chave: Mensageiro, diplomacia, literatura, estudos bíblicos, judaísmo.

ABSTRACT

The purpose of this essay is to analyze the human messengers (*mal'akh*) – responsible for communication and diplomacy - in the biblical literary context, seeking to identify their functions, characteristics and peculiarities, while also making use of comparison with corresponding records in the cultures surrounding ancient Israel.

Keywords: Messenger, diplomacy, literature, Bible studies, Judaism.

RESUMEN

El propósito de este ensayo es analizar los mensajeros humanos (*mal'akh*) – los responsables de la comunicación y la diplomacia – en el contexto literario bíblico, tratando de identificar sus funciones, características y peculiaridades, haciendo también uso de la comparación con sus registros correspondientes em lãs culturas que rodeaban el antiguo Israel.

Palabras clave: Mensajero, diplomacia, literatura, estudios bíblicos, judaísmo.

* Mestrando em Língua, Literatura Hebraica e Cultura Judaicas pela Universidade de São Paulo
irraeljunior@gmail.com

Introdução

A atividade dos mensageiros é conhecida no campo da comunicação e diplomacia desde a Antiguidade em diversas culturas e, no caso da região que conhecemos hoje como Oriente Médio, havia uma série de denominações para designar indivíduos que desempenhavam esta função.

Tratando-se do antigo mundo semítico ocidental, o que inclui a região do antigo Israel, uma pessoa com a incumbência de mediar a comunicação, de modo geral, era designado como *mal'akh*ⁱ (que é traduzido literalmente como “mensageiro”).

Para analisar os mensageiros humanos no contexto literário bíblico, que é o objetivo deste ensaio, buscaremos primeiramente definir etimologicamente o termo, para em seguida identificar suas funções, características e peculiaridades a partir de trechos selecionados, fazendo também uso, sempre que possível, da comparação com registros de seus correspondentes nas culturas circundantes do antigo Israel.

Etimologia de *mal'akh*

O termo *mal'akh* deriva da raiz *l'kh*, que por sua vez significa delegar, ministrar, enviar um mensageiroⁱⁱ. Dessa maneira, o termo em sua forma de substantivo tem o significado mais básico e literal traduzido como “mensageiro”, porém, dependendo do contexto, pode significar também representante, cortesão ou anjoⁱⁱⁱ.

De acordo com o *The Hebrew and Aramaic Lexicon of the OT*^{iv}, a raiz *l'kh* não tem sua origem atestada nem na língua hebraica nem na acádica. Entretanto, sua existência pode ser observada nos escritos de Ugarit. Freedman e Willoughby, que^v afirmam que a evidência encontrada nos escritos ugaríticos tem uma grande relevância por três motivos. Primeiramente, Ugarit é a única localidade no Antigo Oriente Próximo onde há textos com ocorrências

da forma verbal de *l'kh*; em segundo lugar, em Ugarit *ml'kh*^{vi} é utilizado no plural dual (são sempre dois mensageiros enviados quando da utilização deste termo); por último, *ml'kh* é empregado tanto para referência a mensageiros políticos (i.e., humanos) quanto a mensageiros divinos. Quanto à forma verbal, esta é empregada tanto para fazer referência ao envio de mensageiros, quanto à transmissão de uma mensagem (no acádico, *spr d lãkt*). Tendo como base essa evidência, o radical *l'kh* poderia ser equivalente à palavra hebraica *šalah*.

Boneschi^{vii}, ao tratar das possíveis origens do vocábulo *mal'akh*, argumenta que, mesmo sendo esta uma construção bastante regular no hebraico, o fato de inexistir o testemunho do radical *l'kh* (ou mesmo *'lkh*) no idioma, a palavra em questão deveria ser considerada como “naturalizada”, e não nativa. Em outras palavras: não passaria de um estrangeirismo.

Este tipo de consideração também é tecido por Méier^{viii}, que discute as possibilidades de desenvolvimento do termo. Segundo ele, mesmo que a raiz não seja ingênita do hebraico, já que a forma verbal está ausente, a mesma é completamente aceitável no idioma, e provavelmente originou palavras como *mal'akh*, *mal'akhut* e *mel'a'kha*. Por outro lado, a raiz *šlh* estendeu seu significado e eventualmente substituiu a forma verbal de *l'kh* no hebraico, preservando, entretanto, seus derivados (diferentemente do que ocorreu no ugarítico). Apesar dessa conjectura em relação ao hebraico, o autor demonstra que, no aramaico, o processo se deu de maneira mais evidente, uma vez que em sua antiga forma já figura o termo *ml'kh* como designação do mensageiro, enquanto no aramaico posterior o termo é substituído pelo participio passivo de *šlh*, ou seja, *šeliaḥ*.

Voltando aos escritos ugaríticos, Freedman e Willoughby^{ix} destacam que o substantivo *ml'kh* também figura em outros dois textos. O primeiro é o poema épico Keret, em que a comunicação entre Keret e Rei Pabil de Udm é sempre realizada através de enviados políticos portadores de mensagens denominados como mensageiros. Segundo os autores, o contexto indicaria que o final *-m* deve ser entendido como a marca do plural dual. O *ml'kh* também aparece no ciclo de Baal-Anat, acompanhado de um deus, mais frequentemente Yamm^x,

que em determinada ocasião envia seus mensageiros para requisitar aos deuses que entreguem o deus Baal para que este se torne seu subordinado.

Ringgren^{xi} aprofunda um pouco mais o significado da forma verbal de *l'kh*, e afirma que, de acordo com J.L. Cunchillos, essa raiz não significa somente “enviar”, mas especificamente “enviar um mensageiro/uma mensagem”. Ao prosseguir, ele observa que *ml'kh* funciona como uma espécie de conexão entre duas pessoas ou grupos, como elo de união entre duas partes separadas^{xii}, e essa função, acrescenta o autor, engloba desde um simples mensageiro até um embaixador plenamente habilitado. Por outro lado, esse mensageiro não se identifica com a pessoa que o envia, exceto quando está, de fato, encarregado de executar a missão de seu remetente. Nessa situação, ele fala em nome do remetente e, de modo metafísico, é como se fosse o próprio. Essa identificação entre o remetente e seu enviado seria portanto puramente funcional, o que significa que somente no momento em que exerce sua incumbência, o *ml'kh* representa eficazmente a pessoa que o comissionou. Ringgren acrescenta ainda que é interessante notar que o termo acadêmico *mar šipri* (que significa literalmente “filho da mensagem”, *i.e.*, mensageiro) é relacionada a *šipru* com seu duplo significado “mensagem” e “trabalho”, da mesma forma que *mal'akh* está ligada a *mel'a'kha*, que significa trabalho, e ocasionalmente comissão, mensagem.

Freedman e Willoughby^{xiii} apresentam ainda outras ocorrências do termo *mal'akh* em composições de outras culturas. No caso de escritos em aramaico, o termo *ml'kh* ocorre cinco vezes. Duas estão no tratado de Sefire^{xiv} em antigo aramaico, onde é empregado o verbo *šlh* (enviar), que faz referência a emissários políticos enviados por um rei a outro para negociações de paz ou para transmitir decisões políticas. Nesse contexto, o termo é entendido como uma referência a um tipo de oficial da corte cuja responsabilidade é levar e trazer informações para o rei. Outras duas referências são encontradas no aramaico bíblico do livro de Daniel^{xv}, em que, em ambos os casos, o termo é utilizado para fazer referência a um anjo que é enviado (*šlh*) para livrar inocentes de punições injustas. A última ocorrência é de uma inscrição judeo-

aramaica^{xvi}, onde figura o termo *ml'khy*, um plural construto com o mesmo significado.

Há ainda a ocorrência da palavra *malaku* em um texto babilônico antigo^{xvii}. De acordo com Freedman e Willoughby, apesar de algumas incertezas, o termo talvez possa ser traduzido como mensageiro pois a possível raiz de *malaku* aparenta ser a mesma que a de *mal'akh*, além do fato de que o contexto no qual o vocábulo está inserido reforça tal interpretação.

Por fim, os mesmos autores destacam o termo *ml'k* em uma inscrição fenícia^{xviii} datada de 222 a.E.C.^{xix}, traduzido sem ressalvas como mensageiro, referindo-se a um representante (talvez um sacerdote) da deusa do panteão fenício Milk Astarte.^{xx}

Mensageiros Humanos

No contexto dos escritos bíblicos, os indivíduos denominados como mensageiros (*mal'akhim*) figuram em duas esferas: a humana - ou dimensão do mundo natural -, e a divina – ou dimensão do sobrenatural. Essas pessoas encarregadas de realizar a comunicação ou entrega de mensagens entre seres humanos (e não as entidades responsáveis pela intermediação entre o D' bíblico e os seres humanos, os anjos), são os elementos que constituem o objeto de análise deste artigo. Essa distinção é feita aqui somente por uma questão metodológica e pela limitação do espaço para o desenvolvimento do assunto, pois de acordo com Méier^{xxi} há na Antiguidade uma clara relação entre instituições humanas, metáforas utilizadas para a esfera do divino, conhecimentos de conjectura teológica e mitologia. Logo, uma análise que ignore completamente uma relação entre tais elementos seria evidentemente simplista.

Ciente dessas limitações, a partir deste ponto apresento um breve estudo sobre o mensageiro humano no contexto da Bíblia hebraica, à luz dos mensageiros de mesmo cunho do mundo semítico antigo. Dessa forma, reitero que o objetivo deste ensaio não é esgotar o tema, mas propor um panorama sistematizado a respeito do assunto.^{xxii}

Funções

De acordo com Bowling^{xxiii}, nos textos bíblicos o *mal'akh*, enquanto mensageiro de caráter humano, pode desempenhar uma série de funções, como levar uma mensagem, representar aquele que o envia ou até mesmo desempenhar alguma outra tarefa específica. Vejamos alguns exemplos para que cada um destes conceitos fiquem mais claros:

- O mensageiro como portador de uma mensagem:

Jacó enviou adiante dele mensageiros [*mal'akhim*] a seu irmão Esaú, na terra de Seir, a estepe de Edom. Deu-se-lhes esta ordem: “Assim falareis a Esaú, meu senhor: Eis a mensagem de teu servo Jacó: Habitei junto a Labão e ali fiquei até agora. Adquiri bois e jumentos, ovelhas, servos e servas. Quero dar a notícia a meu senhor, para encontrar graça a seus olhos. (Gn 32:4-6)^{xxiv}

Os tipos de mensagem podiam variar, sendo: pedidos (conforme o exemplo acima e também encontrado em Nm 20:14; 22:5; Js 7:24); boas notícias (I Sm 6:21); ou ameaças (I Rs 19:2).

- Mensageiros como representantes diplomáticos ou enviados políticos:

Jefté enviou mensageiros [*mal'akhim*] ao rei dos amonitas para lhe dizer: “Que há entre mim e ti para que venhas atacar minha terra?” O rei dos amonitas respondeu aos mensageiros de Jefté: “É porque Israel, quando subiu do Egito, se apossou da minha terra, desde o Arnon até o Jaboc e o Jordão. Devove-me agora em paz o que tomaste!” Jefté enviou novamente mensageiros ao rei dos amoniatas, dizendo-lhe: “Assim diz Jefté: Israel não se apossou da terra de Moab, nem da dos amonitas. (Jz 11:12-15)^{xxv}

Nesta categoria podem ser verificados outros exemplos em II Sm 5:11 e I Rs 20:2.

- O mensageiro como alguém enviado com outros objetivos:

Saul despachou emissários [*mal'akhim*] para vigiar a casa de Davi para que o matassem pela manhã. Mas Micol, mulher de Davi, lhe deu este conselho: “se não escapares esta noite, amanhã serás um homem morto!” (I Sm 19:11)

No exemplo destacado, nota-se o envio de mensageiros com o encargo de matar (outro trecho no qual um mensageiro também possui a mesma atribuição é II Rs 6:32). Outros objetivos poderiam ser: espiar (Js 6:25) e trazer alguém (II Sm 11:4). Em Provérbios 17:11 temos um mensageiro que estaria autorizado não só a deter um fora da lei mas ainda infligir a punição que ele pronuncia em nome de uma autoridade maior. É importante destacar que o mensageiro identificado como *mār šipri*, segundo Méier^{xxvi} um termo aplicado em escritos de outras culturas semíticas que seria equivalente ao *mal'akh*, desempenha esta mesma função de acordo com as cartas de Tell el-Amarna^{xxvii}.

Além das funções citadas, os *mal'akhim* também ocasionalmente coletavam informações, como os homens que foram enviados para espionar (*'anašim hameraggelim*) Jericó em Js 2.1, e que em determinada ocasião são chamados de *mal'akhim* (Js 6:17, 25). Ambos os termos refletem as funções destes homens: perambular pela terra e retornar com informações. De acordo com Js 7:22, Josué também envia *mal'akhim* para encontrar bens de pilhagem e localizar culpados.

Como se pode notar, há uma série de possibilidades funcionais para os mensageiros humanos. Freedmann e Willoughby^{xxviii} sistematizaram de maneira diversa àquela apresentada acima a diversidade de aparições do mensageiro bíblico. Portanto, discorrer sobre a análise que estes autores fizeram sobre o *mal'akh* será enriquecedor para este trabalho. Eles dividem os

mensageiros humanos em duas categorias básicas: “Mensageiros Pessoais”, que seriam mensageiros enviados entre indivíduos com objetivos particulares; e “Mensageiros Políticos”, expedidos como agentes governamentais, cujo campo de atuação poderia ser tanto dentro do país quanto entre países. Vejamos a seguir ambas as categorias, juntamente com as características que emergem do mensageiro bíblico, e quando possível, também as comparações com o Antigo Oriente Próximo.

Mensageiros Pessoais

A Bíblia Hebraica contém somente quatro referências a enviados pessoais, sendo que em duas delas a palavra mensageiro aparece no singular (*mal'akh*) e duas no plural (*mal'akhim*). Destas, as duas no singular ocorrem na literatura sapiencial e a primeira está em Provérbios 13:17: “Um mau mensageiro [*mal'akh*] traz problemas, mas um fiel emissário [*šir*] traz cura.”^{xxxix}.

Essa passagem não aparenta tratar claramente do conteúdo da mensagem, mas do caráter do mensageiro, pois o autor provavelmente tinha em mente as consequências destrutivas de informações inverídicas ou falhas da parte do mensageiro no exercício de sua função. Assumindo que a autoridade de quem envia está sobre o delegado, conforme propõem Freedmann e Willoughby^{xxx}, esta passagem deixa em aberto a questão de quanto uma informação, mesmo que desfavorável, relatada por um mensageiro confiável pode produzir cura, ou tranquilidade. Os termos *šir* e *mal'akh* funcionam como sinônimos no paralelismo desta passagem (da mesma forma que em Is. 18:2, com as mesmas forma no plural), apesar de *šir* ser utilizado com menos frequência neste sentido.^{xxxi}

No tocante aos atributos que são tratados na passagem em questão, Meier^{xxxii} destaca que as qualidades desejáveis em um mensageiro, como a fidelidade e veracidade são mencionadas na correspondência entre o reino de Mittani e o Egito^{xxxiii}, na literatura^{xxxiv} e em cartas^{xxxv} sumérias, em documentos dos arquivos reais de Mari^{xxxvi}, nas correspondências em acádico que datam do período do primeiro Império Babilônico^{xxxvii}, entre outros.

Tratando da literatura sapiencial egípcia, há uma clara descrição disso nos escritos atribuídos a Ptahhotep^{xxxviii}:

Se tu és um homem de confiança, enviado por um grande homem a outro, sê devotado à índole daquele que te enviou. Entrega a mensagem como ele a disse. Guarda-te de depreciar o discurso, pois isto pode complicar um grande homem com relação ao outro; persevera na verdade, não a exceda, uma transgressão não deve se repetir. Não difame pessoa alguma, grande ou pequena, o *ka*^{xxxix} abomina isso.^{xl}

De acordo com Meier, não há local algum na literatura acima citada onde haja uma lista como a encontrada em Ptahhotep. Entretanto, os provérbios bíblicos ratificam o desejo de fidelidade com uma semelhança pitoresca: “Como o frescor da neve em dia de ceifa, é o mensageiro [*šir*] fiel para quem o envia: ele reconforta a vida de seu senhor” (Pr 25:13).

A segunda passagem em que o termo aparece no singular está em Jó 1:14: “Chegou um mensageiro [*mal’akh*] à casa de Jó e lhe disse: ‘Estavam os bois lavrando e as mulas pastando ao lado deles’.” De acordo com Freedmann e Willoughby^{xli}, neste trecho está contida uma cena realística onde figura a retratação de um mensageiro, que exemplifica o papel padrão deste no ato de entregar uma mensagem a um destinatário.

As outras duas ocorrências de mensageiros pessoais, agora no plural, aparecem em Gn. 32:4 e 7:

Jacó enviou adiante dele mensageiros [*mal’akhim*] a seu irmão Esaú, na terra de Seir, a estepe de Edom. Os mensageiros [*mal’akhim*] voltaram a Jacó dizendo: “Fomos ao teu irmão Esaú. Ele mesmo vem agora ao teu encontro e há quatrocentos homens com ele.”

Nesse relato, também há a reprodução de uma cena em que os mensageiros são enviados com a intenção de demonstrar intenções de paz e

reconciliação, e retornam ao remetente (no caso Jacó) para relatar a forma como a mensagem foi recebida pelo destinatário.

Mensageiros Políticos

O termo *mal'akh* é empregado 16 vezes no singular e 72 vezes no plural no contexto de mensageiros humanos quando estes atuam politicamente. Freedmann e Willoughby^{xlii} argumentam que a abundância das formas plurais atestam a prática comum de enviar mais de um mensageiro por razões de segurança (ou seja, aumentar a possibilidade de que a mensagem fosse entregue caso submetidos a um ataque), para garantir maior precisão na entrega da mensagem e para ressaltar seu próprio *status*.

Por outro lado, Meier,^{xliii} reconhecendo a grande quantidade de relatos bíblicos onde estes indivíduos aparecem em grupos, argumenta que, uma vez citados, os mesmos são tratados de forma vaga e estereotipada, o que dificultaria uma análise mais detalhada. Prosseguindo em suas considerações, ele atesta que nos relatos bíblicos, a nenhum mensageiro de origem humana intitulado como *mal'akh* é dado um nome pessoal (exceto o profeta Ageu em Ag 1:13, que entretanto fala enquanto enviado de D' e não de um outro ser humano), e pode-se ler de forma frequente (cerca de 35 passagens) apesar de poucas exceções, que alguém simplesmente “enviou mensageiros” (*wayyišlah mal'akhim*), conforme o verso que se segue: “E Saul enviou mensageiros a Jessé, dizendo: envia-me Davi, teu filho, o que está com as ovelhas.”^{xliiv} (I Sm 16:19). Meier afirma que tais grupos, ao realizarem a exposição de uma determinada mensagem, são retratados esquematicamente como um coro grego em uníssono, conforme o exemplo abaixo:

E tornaram a vir os mensageiros, e disseram: Assim diz Ben-Hadade: Enviei-te, na verdade, mensageiros que dissessem: Tu me hás de dar a tua prata, e o teu ouro, e as tuas mulheres e os teus filhos; (I Rs 20:5)

Segundo Meier, isso não poderia ser tomado literalmente, pois a literatura bíblica, quando interessada mais no contexto do relato do que na atividade do mensageiro *per se*, aplica uma espécie de clichê, presumindo mais de um indivíduo, que por vezes aparecem entregando a mensagem da forma acima exemplificada.^{xlv}

Ainda de acordo com o estudo de Meier, também existem, na literatura extrabíblica do antigo mundo semítico, alguns relatos de mensageiros sendo enviados em grupos ou duplas, o que *a priori* poderia ser interpretado, segundo o autor, como uma expectativa de oposição ou resistência a ser enfrentada com mais de um indivíduo. Contudo, afirma o estudioso, para a maior parte da comunicação feita por intermédio de mensageiros, apenas um enviado era a norma, do mesmo modo que quando a literatura bíblica retrata mensageiros de forma mais específica, eles tendem a atuar sozinhos.^{xlvi}

No caso desses mensageiros solitários, há a impressão de que pudessem existir determinadas circunstâncias nas quais pudesse ser necessário ou até mesmo aconselhável o envio de apenas um mensageiro. Um exemplo é a passagem a seguir, contida em I Sm 23:27: “Um mensageiro [*mal'akh*] veio dizer a Saul: “Apressa-te! Parte, pois os Filisteus invadiram a terra. Aqui, a presença de um único mensageiro poderia indicar que ele tinha sido o único a escapar do ataque inicial dos filisteus (assim como em Jó 1:13-19), ou que ele teria viajado sozinho com o intuito de ser o mais discreto possível (opção esta que encontra paralelo nas cartas de Tell el-Amarna)^{xlvii}.”

Em outras passagens, nas quais somente um mensageiro é enviado, o fator relevante pode ser o status do destinatário. Acab convoca Miquéias para profetizar a respeito de uma guerra contra a Síria (I Rs 22:13; II Cr 18:12); Jorão envia um mensageiro ao profeta Eliseu (II Rs 6:32, 33); Jezabel despacha um mensageiro a Elias (I Rs 19:2); Eliseu envia um mensageiro a Naamã (II Rs 5:10), que fica ofendido, antes de tudo, porque Eliseu não entrega a mensagem em pessoa, supondo que um homem de sua posição teria o direito a uma audiência direta com o profeta. Freedmann e Willoughby^{xlviii} argüem que isto demonstra que se pode despachar um mensageiro a alguém inferior (como em II Rs 18, 19 o rei da Assíria envia

Rabsaqué para solicitar a rendição de Jerusalém), contudo, a pessoa de grau superior espera, preferivelmente, uma aparição pessoal de seu inferior para trazer a resposta (não um simples enviado).

O envio de um único mensageiro também seria, aparentemente, o ideal, se o remetente desejasse restringir o conhecimento do assunto. Assim, Joab envia uma mensagem para Davi por meio de um enviado solitário, conforme o trecho abaixo:

Joab mandou a Davi um relatório sobre todos os pormenores da batalha e deu esta ordem ao mensageiro [*mal'akh*]: “Quando tiveres acabado de contar ao rei todos os pormenores da batalha, se o rei se enfurecer e perguntar: ‘Por que vos aproximastes da cidade para lutar? Não sabíeis que iriam atirar do alto da muralha? Quem matou Abimelec, o filho de Jerobaal? Não foi uma mulher que lhe atirou uma pedra de moinho, do alto da muralha e ele morreu, em Tebes? Por que vos aproximastes da muralha?’ então dirás: O teu servo Urias, o heteu morreu também.” (II Sm 11:18-21. Ver também v. 22-25)

Com um único enviado, Joab se preocuparia apenas em confiar a uma única pessoa a notícia referente à morte de Urias, que havia sido planejada por Davi. Nessa passagem, há um outro ponto relevante: a fim de gozar da confiança de seu senhor, a ponto de carregarem mensagens orais com esse tipo de conteúdo, os mensageiros reais deveriam desfrutar de uma posição importante e estar dentro do círculo de amigos mais confiáveis e próximos (prática confirmada em textos de Tell el-Amarna^{xlix}) No mesmo capítulo, em trecho anterior ao citado, Davi envia detalhes de seu plano para matar Urias através de uma mensagem escrita para Joab. Sem dúvida o drama da passagem é aguçado pela ironia de Urias carregar sua própria sentença de morte. É importante salientar que não era raro, como também confirmam as cartas de Tell el-Amarna^l, pessoas que não fossem efetivamente mensageiros serem ocasionalmente enviados.

Ao tratarmos especificamente da forma de entrega da mensagem, e a partir do caso específico da correspondência entre Davi e Joab, pode aparentar que a mensagem poderia ser entregue tanto de forma escrita (v.14) quanto oral

(v. 19), como sugerem Freedmann e Willoughby^{li}. Entretanto, Meier^{lii} argumenta que na literatura bíblica o texto frequentemente deixa evidente a predominância da natureza oral da comunicação do mensageiro. Nas diversas cenas onde *mal'akhim* são comissionados e encarregados de uma mensagem, não há referência alguma a documentos escritos, pelo contrário: ocorrem geralmente expressões que caracterizam a essência verbal da mensagem como “assim direis” ou “assim diz”, como no exemplo que se segue:

E enviou Jacó mensageiros [*mal'akhim*] adiante de si a Esaú, seu irmão, à terra de Seir, território de Edom. E ordenou-lhes, dizendo: Assim direis a meu senhor Esaú: Assim diz Jacó, teu servo... (Gn 32:3-4a)^{liii}

Meier também afirma que o único caso de indivíduos intitulados *mal'akhim* que entregam um documento escrito ocorre em II Rs 19:14^{liv}. Entretanto, no comissionamento (v.9-10) não aparece menção a documento escrito, mas empregam-se palavras que caracterizariam uma mensagem oral:

... tornou a enviar mensageiros a Ezequias, dizendo: Assim falareis a Ezequias, rei de Judá: Não te engane o teu Deus, em quem confias, dizendo: Jerusalém não será entregue na mão do rei da Assíria.

Em outras literaturas, como a ugarítica, a acádica, a suméria e a hitita, o padrão é semelhante e nelas também há um vasto material que relata e descreve comissionamentos de mensageiros, que caracterizam essa natureza oral da mensagem que consta nos relatos bíblicos. Além disso, foi constatado que a fórmula “assim diz” (abundante na Bíblia Hebraica) é um traço constante da literatura semítica ocidental.^{lv}

Retomando a questão dos mensageiros como enviados políticos, destaco mais algumas possibilidades dentro de seu campo de atuação. As missões poderiam ser tanto internas (Js 7:22; I Sm 6:21) quanto internacionais (Jz 11:17; II Sm 5:11; I Rs 20:2; II Rs 16:7; 17:4; 19:9). Enviados eram

empregados também para comunicação entre cidades (I Sm 6:21), reis (II Sm 5:11), gerais (II Sm 3:26) e outras personalidades administrativas e militares.

Verificamos portanto, que, de fato, alguém que fosse despachado com uma mensagem podia ser um *mal'akh*, mas o uso frequente do termo em contextos políticos (ou seja, em textos que relatam o tempo da liga tribal em diante) aponta para o fato de que o termo *mal'akh* também designava um oficial do governo, um delegado (com sentido de embaixador).

Os exemplos apresentados evidenciam uma escassez de mensageiros pessoais na Bíblia Hebraica, o que contrasta com a abundância dos mensageiros de caráter político. Freedmann e Willoughby^{lvi} propõem que isso se deve a uma tentativa clara por parte do autor/editor bíblico de escrever sobre Israel como uma unidade política e social desde o tempo do êxodo. Esse seria o motivo pelo qual no contexto da elaboração desses escritos, o conceito de *mal'akh* teria sido mais utilizado para caracterizar um enviado governamental, seja na esfera regional ou nacional.

Considerações Finais

Primeiramente, é relevante destacar que a atividade do mensageiro no contexto dos relatos bíblicos, de acordo com as evidências apresentadas pelos estudiosos do tema, envolve uma gama de possibilidades de atuações além da função habitualmente ligada a estes indivíduos, a saber, a entrega de mensagens ou intermediação da comunicação. A atuação complexa destes indivíduos, como se pôde averiguar, é também constatada em determinados escritos das culturas circundantes do Antigo Israel.

Por fim, outro fator importante identificado é a abundância de relatos sobre mensageiros em atuação no campo político/diplomático em contraste com a escassez de registros de mensageiros agindo em prol de indivíduos comuns. Essa carência estaria ligada, de acordo com os autores citados, com a visão de mundo contida na Bíblia hebraica, que privilegia o coletivo. As únicas exceções a essa “regra” seriam os exemplos destacados, que mesmo sendo

casos de mensageiros pessoais, são relatos ligados à cultura nacional (relatos patriarcais, literatura sapiencial, etc.) e não de simples indivíduos.

Referências bibliográficas:

BEREZIN, Rifka. *As origens históricas do vocabulário do hebraico moderno*. São Paulo: Departamento de Lingüística e Línguas Orientais da FFLCH – USP, 1972. Tese (doutorado).

_____. *O Hebraico Bíblico no Hebraico Moderno: Contribuição para o estudo das transformações semânticas no hebraico bíblico*. São Paulo: Departamento de Lingüística e Línguas Orientais da FFLCH – USP, 1985. Tese (livre-docência).

HEISER, Michael S. *The Divine Council in Late Canonical and non-Canonical Second Temple Jewish Literature*. Madison: University of Wisconsin-Madison, 2004. Dissertation for doctorate degree.

KAUFMANN, Yehezkel. *A religião de Israel: do início ao exílio babilônico*. São Paulo: Perspectiva, 1989.

LICHTHEIM, M. *Ancient Egyptian literature: a book of readings*. Berkeley; Los Angeles; London: University of California Press, 1975. Vol. I: The Old and Middle Kingdoms.

MALANGA, Eliana Branco. *A Bíblia Hebraica como obra aberta: uma proposta interdisciplinar para uma semiologia bíblica*. São Paulo: Humanitas, 2005.

MEIER, Samuel A. *The Messenger in the Ancient Semitic World*: Harvard Semitic Monographs nº 45. Atlanta: Scholars Press, 1989.

MULLEN JR., E. Theodore. *The Divine Council in Canaanite and Early Hebrew Literature*. Harvard Semitic Monographs nº 24. Ann Arbor: Edwards Brothers, 1980.

TEXTOS BÍBLICOS, TRADUÇÕES, ENCICLOPÉDIAS, DICIONÁRIOS, GRAMÁTICAS E OUTRAS FONTES

BEREZIN, Rifka. *Dicionário hebraico-português*. São Paulo: Edusp, 2003.

BÍBLIA de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2002.

BIBLIA Hebraica Stuttgartensia. Stuttgart: German Bible Society; Westminster Seminary, 1996 (electronic edition).

BAUNGARTNER, W.; KOEHLER, L. *The Hebrew and Aramaic Lexicon of the OT*. Leiden: Brill, 1994, p. 585 *apud* BOTTERWECK, G. Joahannes; RINGGREN, Helmer; FABRY, Heinz-Josef (ed.). *Theological Dictionary of the Old Testament*. Cambridge: W. B. E. Publishing Company, 1997.

BOTTERWECK, G. Joahannes; RINGGREN, Helmer; FABRY, Heinz-Josef (ed.). *Theological Dictionary of the Old Testament*. Cambridge: W. B. E. Publishing Company, 1997.

CLINES, David J. A. *The Dictionary of Classical Hebrew*. Sheffield: Sheffield Academic Press, 2001.

FRANCISCO, Edson de Faria. *Manual da Bíblia Hebraica*. São Paulo: Vida Nova, 2005.

HARRIS, R. Laird; ARCHER, Gleason L.; WALTKE, Bruce K. *Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Edições Vida Nova, 1998.

LAMBIDIN, Thomas O. *Gramática do Hebraico Bíblico*. São Paulo: Paulus, 2003.

MITCHEL, Larry A. *Estudos do vocabulário do Antigo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1996.

ROTH, C.; WIGODER, G. (Ed.). *Encyclopaedia Judaica*. Jerusalem: Keter Publishing House, 1972.

ARTIGOS

BONESCHI, Paulo. Is Malak an Arabic Word? *In: Journal of the American Oriental Society*, Vol. 65, No. 2. Michigan: American Oriental Society, Apr. - Jun., 1945, pp. 107- 111.

CHWARTS, Suzana. Do estudo acadêmico da Bíblia hebraica. *In: Revista de Estudos Orientais*, N. 6. São Paulo: Opus Print Editora, Jan/2008, pp. 39-43.

FOSSUM, Jarl. The Angel of the Lord in Samaritanism. In: *Journal of Semitic Studies*, Vol. XXVI/1. Manchester: The University of Manchester, Spring 2001, pp. 51-75.

KÖKERT, Matthias. Divine Messengers and Mysterious Men in the Patriarchal Narratives of the Book of Genesis. In: *Deuterocanonical and Cognate Literature: Angels*, Yearbook 2007. Berlin / New York: Walter de Gruyter, 2007, pp. 51-78.

MART-JAN, Paul. The Identity of the Angel of the LORD. In: *Hiphil 4* [online] URL: <http://www.seej.net/hiphil>, 2007, pp. 1-12 – Acesso em Jul/2007.

SPEYER, Wolfgang. The Divine Messenger in Ancient Greece, Etruria and Rome. In: *Deuterocanonical and Cognate Literature: Angels*, Yearbook 2007. Berlin / New York: Walter de Gruyter, 2007, pp. 35-47.

WHITE, Stephen L. Angel of the Lord: Messenger or Euphemism? In: *Tyndale Bulletin* 50.2 [online] URL: http://www.tyndalehouse.com/TynBul/Library/TynBull_1999_50_2_10_White_AngelofLord.pdf, 1999, pp. 299-305. Acesso em Mar/2009.

ⁱ Neste artigo foi adotado o sistema de transliteração latina das palavras hebraicas oficial da Academia da Língua Hebraica de Jerusalém, cf. BEREZIN, 2003, p. XLIII.

ⁱⁱ BAUNGARTNER; KOEHLER, 1994, p. 585 *apud* BOTTERWECK; RINGGREN; FABRY (ed.), 1997, p. 309.

ⁱⁱⁱ BOWLING. *Mal'akh*. In: HARRIS; ARCHER; WALTKE (ed.), 1998, *Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento*, p. 762.

^{iv} BAUNGARTNER; KOEHLER. *Op. cit.*, *loc. cit.*

^v FREEDMANN; WILLOUGHBY. *Mal'āk*. In: BOTTERWECK; RINGGREN; FABRY, 1997, Vol. VIII, p. 308. De acordo com Freedmann e Willoughby, esta evidência está explicitada nos seguintes textos publicados: AISTLEINER, J. *Wörterbuch der ugaritischen Sprache*. BSAW, Phil.-hist.. Kl., 106/3 (1963, 1974).

^{vi} Esta e as próximas palavras provenientes de idiomas semíticos (excetuando-se o hebraico), não estão vocalizadas neste ensaio, pois estão reproduzidas aqui na forma exata em que aparecem nas obras e artigos citados.

^{vii} BONESCHI, 1945, p. 108. Neste artigo o autor busca provar que do ponto de vista morfológico, *mal'akh* é uma palavra originária do idioma árabe.

^{viii} MEIER, 1989, p. 11.

^{ix} FREEDMANN; WILLOUGHBY. *Op. cit.* p. 309.

^x Divindade ligada aos oceanos, rios, lagos, fontes subterrâneas e aos caos primordial.

^{xi} RINGGREN. *Mal'akh*. In: BOTTERWECK; RINGGREN; FABRY (ed.), *Op. cit.*, p. 310.

^{xii} De acordo com a Profª. Dra. Suzana Chwartz, no contexto das sociedades do Antigo Oriente Próximo, quando tratamos das ações entre duas esferas ou dois pontos a serem conectados, tratamos de um ritual estabelecido (conceito discutido durante reuniões de orientação de minha pesquisa de mestrado).

^{xiii} FREEDMANN; WILLOUGHBY. *Op. cit.*, p. 310.

^{xiv} Referência a três estelas que contém inscrições aramaicas, descobertas próximas a Alepo, norte da Síria que são datadas de meados do século VIII a.E.C. e cuja descoberta, entre outras coisas, clarificou termos e fórmulas contidas na Bíblia.

^{xv} Daniel 3:28 e 6:23 [22].

^{xvi} Cf. FREEDMANN e WILLOUGHBY (*op. cit.*, p. 310), inscrição publicada em: HOFTIJZER, J. F. Jean-J. *Dictionnaire des inscriptions sémitiques de l'ouest* (Leiden, 1965), p. 151.

^{xvii} *ibid.*, p. 310, texto publicado em: *Cuneiform Texts from Babylonian Tablets in the British Museum* (London, 1896–), p. 29,21,19.

^{xviii} *Ibid.*, p. 311, texto publicado em: RÖLLIG, H. Donner-W., *Kanaanäische und aramäische Inschriften*, 3 vols. (Wiesbaden, ²1966-69, ³1971-76), p. 19.

^{xix} Antes da Era Comum.

^{xx} Deidade feminina relacionada à fertilidade.

^{xxi} MEIER. *Op. cit.*, p.8-9.

^{xxii} Para um estudo completo sobre o mensageiro no mundo semítico antigo, ver MEIER. *Op. cit.*

^{xxiii} BOWLING. *Mal'ak*. In: HARRIS; ARCHER; WALTKE, 1998, p. 763.

^{xxiv} Todas as referências, citações bíblicas, nomes dos personagens e os topônimos bíblicos neste ensaio foram extraídos da Bíblia de Jerusalém, exceto quando indicado de forma diferente.

^{xxv} Ainda nesta passagem até o versículo 19 são citados mais casos de mensageiros encarregados da diplomacia remetendo ao período anterior à ocupação de Canaã.

^{xxvi} MEIER, *op. cit.*, pp. 8-10.

^{xxvii} *Tell el-Amarna tablets* (a partir deste ponto, *EA*), 54; 162, cf. FREEDMANN e WILLOUGHBY, *op. cit.*, p. 312.

^{xxviii} FREEDMANN; WILLOUGHBY, *Op. cit.*, p. 311.

^{xxix} Tradução livre para o português da versão de FREEDMANN; WILLOUGHBY (*op. cit.*, p. 311) para este versículo. Versão original: “A bad messenger brings trouble, but a faithful envoy brings healing”.

^{xxx} *Idem.*

^{xxxi} *Idem.*

^{xxxii} MEIER. *Op. cit.*, pp.23-24.

^{xxxiii} Cf. *idem*, *EA* 24.IV.19-29.

^{xxxiv} Cf. *idem*, No conto de Inanna e Enki. *IE* 34,35.

^{xxxv} F. A. Ali, *Sumerian Letters* (dissertação de doutorado não publicada, University of Pennsylvania, 1964), p. 39. *apud idem.*

^{xxxvi} Cf. *idem*, *Archives royales de Mari*, X 32.r 17-18: “Let him send from among his servants one who is trustworthy”.

^{xxxvii} Cf. *idem*, *Altbabylonische Briefe*, VI 57.5-6: “Send one trustworthy individual”; 154.10: “Send one trustworthy man”.

^{xxxviii} Vizir do rei Djedkaré Isesi da V dinastia egípcia, a quem é atribuído o texto chamado “Ensino de Ptah-hotep” registados de forma completa no Papiro Prisse.

^{xxxix} De acordo com LICHTHEIM (1975, vol. I, p. 245), “*ka*” é um conceito egípcio que poderia ser traduzido como “vitalidade”, “força vital” ou “personalidade”.

^{xl} *Ibid.*, p. 65. Tradução livre para o português de: “If you are a man of trust, sent by one great man to another, adhere to the nature of him who sent you. Give his message as he said it. Guard against reviling speech, which embroils one great man with another; keep to the truth, don't exceed it, but an outburst should not be repeated. Do not malign anymore, great or small, the *ka* abhors it.”

^{xli} FREEDMANN; WILLOUGHBY. *Op. cit.*, p. 311.

^{xlii} *Idem.*

^{xliii} MEIER, *op. cit.*, p. 116-117.

^{xliv} Tradução Almeida Corrigida Fiel (ACF).

^{xlv} MEIER., *op. cit.*, p. 116-117.

^{xlvi} *Idem.* O autor, no caso da literatura extrabíblica, ao analisar diversos relatos da literatura acadêmica, coloca que, de forma geral (principalmente quando esperavam oposição ou tivessem que passar por territórios desconhecidos), os mensageiros eram acompanhados de escolta, uma entidade política diferente do mensageiro. Assim não se fazia necessária a companhia de mais mensageiros para garantir a segurança. No caso da literatura bíblica, o autor deixa claro que, geralmente, os mensageiros enviados individualmente são tratados pelo nome e não pelo título *mal'akh*, e o que os identificaria como tal seria seu comportamento no contexto do relato.

^{xlvii} Cf. FREEDMANN; WILLOUGHBY, op. cit., p. 311. *EA*, 112, p. 40-50.

^{xlviii} FREEDMANN; WILLOUGHBY, op. Cit., p. 312.

^{xlix} *Ibidem*, p. 311, *EA*, 24.

^l *Ibidem*, p. 311, *EA*, 112, 40-50.

^{li} , FREEDMAN; WILLOUGHBY, Op.cit.,p. 312.

^{lii} MEIER, op. cit., p. 37-42.

^{liii} Tradução ACF.

^{liv} Todo o capítulo 19 é paralelo ao capítulo 37 do livro de Isaías, onde aparecem as mesmas questões aqui levantadas.

^{lv} MEIER. Op. cit., p. 42-57. O autor reconhece que fora do campo da literatura, mensagens escritas são comuns, o que causa um contraste entre os dados fornecidos através das próprias cartas do mundo antigo e os textos literários (p.58-61).

^{lvi} FREEDMANN; WILLOUGHBY, op. cit., p. 311.